

MAUD ANKAOUA

A VIDA  
*tem um* PLANO  
PERFEITO  
*para* Ti

Tradução  
Inês Fraga

 Planeta

A ti, meu amor,  
que caminhas a meu lado há vinte anos.  
A todos vós, caros leitores,  
que me deram coragem para ser genuína.  
Desejo-vos uma viagem maravilhosa.  
Com toda a minha gratidão,  
MAUD



Caros leitores,

Leio-vos todas as manhãs ao acordar, as vossas mensagens tocam-me, as vossas confidências honram-me. Os vossos sussurros aquando dos nossos encontros perturbam-me. Vocês oferecem-me o mais belo presente: aceitar-me tal qual sou, com as minhas feridas, as minhas falhas, a minha vulnerabilidade e também toda a minha força. Obrigada por me permitirem ser quem sou. Obrigada por ousarem expressar o vosso Amor, ele ampara-me todos os dias, ajuda-me a crescer, faz de mim mais autêntica, mais justa, mais inteira.

Passaram-se tantas coisas entre nós desde o lançamento do meu primeiro romance que senti vontade de escrever este segundo para vocês, de peito aberto, sem filtros, exatamente como me permitiram ser. Queria partilhar convosco as minhas experiências de vida, as minhas descobertas, esperando que elas continuem a auxiliar-vos na vossa caminhada pessoal, a vocês que levaram *Kilomètre Zéro* para lá dos meus sonhos, que me deixaram entrar nas vossas casas e que com tanto entusiasmo partilham as minhas frases.

Conto os minutos para que conheçam o meu novo grupo de amigos e espero que vos agrade. De qualquer forma, eles estão em pulgas para vos conhecerem.

Vocês entraram no meu universo e nem tento explicar aquilo que nos liga, vivo-o...

Maud Ankaoua

Esperando rever-vos, cuidem de vós, e recebam um grande beijinho.  
Para aqueles que ainda não conheço, até já!  
Desejo-vos a todos o melhor.

Com todo o meu amor,  
MAUD

## Sabor a coco

«As pessoas nem sempre precisam de conselhos; por vezes, precisam apenas de uma mão que agarre a sua, de um ouvido que as escute e de um coração que as compreenda.»

MARCEL PRÉVOST

– Que pena! Ir-se embora sem ter provado os meus *coco-locos*!

Malo sobressaltou-se. O cano frio do revólver afastou-se um centímetro da sua têmpora alagada em suor.

– Quem é a senhora? Que faz no meu gabinete?

A mulher idosa que lhe fazia frente lançava-lhe um sorriso magnífico. Com um avental a cobrir-lhe o vestido, os cabelos grisalhos puxados atrás, fixava os olhos do jovem, cujo gesto ficara petrificado no ar. Pese embora o seu metro e meio, emanava uma força e uma serenidade singulares. Num passo estugado, aproximou-se da secretária e estendeu-lhe uma bandeja em alumínio com pequenos bolinhos redondos. O aroma a coco que deles se libertava perfumou a divisão.

– A minha filha diz que não há melhores em toda a Tailândia.

– Bom... compreende que este não é o melhor momento. Assustou-me... poderia ter disparado para qualquer lado.

De onde saíra aquela mulher? Havia três meses que Malo trabalhava na XSoftware e nunca a vira. Porque aparecera precisamente no momento em que acabara de tomar a decisão mais importante da sua vida? Estava fora de questão que uma desconhecida lhe viesse contrariar os planos. A raiva sobrepôs-se à angústia.

– Saia imediatamente!

A velha senhora pousou delicadamente a bandeja na secretária e deu um passo atrás, deixando que o aroma importunasse as narinas de

Malo. Sempre com um sorriso nos lábios, permanecia em silêncio, sem esboçar o mais pequeno gesto no sentido de sair do local. O seu olhar tranquilo e empático desarmou o jovem, que baixou tanto a guarda quanto a arma.

*Merda!, pensou. Até da minha partida em grande vou fugir!*

A mulher acercou-se de novo com doçura e debicou um bolo:

– Confia em mim, prova-os, são muito melhores quentes. Tens todo o tempo do mundo para disparar depois.

*Disparar «depois»? Está a gozar comigo!*

– Confiar em si? Nem sequer sei quem é.

Com a boca cheia, pousou a palma da mão nos lábios enquanto mastigava.

– Lamento imenso. Não me apresentei. Chamo-me Phueng, sou a empregada da limpeza.

Estendeu a mão com uma insistência tal que Malo não teve outro remédio que não apertá-la.

## *Curriculum Vitae*

«Não faz nenhum sentido contratar pessoas inteligentes e depois dizer-lhes o que fazer.»

STEVE JOBS

Três meses antes.

– Olha-me lá para aquele material! – exclamou Matthieu quase a desfalecer.

– Acalma-te um bocadinho – replicou Marie-Odile, a diretora de Recursos Humanos, que seguia também ela com um olhar curioso o recém-chegado, por detrás da divisória envidraçada.

Malo caminhava pelo corredor, acompanhado de Bertrand, o presidente e diretor-geral da XSoftware, que lhe fazia uma visita guiada.

– Olha que não ficámos a perder nada com a mudança! – elogiou Matthieu. – Um diplodoco substituído por um Keanu Reeves. Vou voltar a gostar do despertador de manhã.

Com a sua figura esbelta, os olhos amendoados, a madeixa rebelde e o rosto anguloso, é verdade que Malo dava ares de uma estrela americana. Muito elegante, com a mala do computador a tiracolo, trazia um fato cinzento-claro e uma camisa branca entreaberta. A seu lado, Bertrand – ou melhor, «Diplodoco» – seguia atrás da barriga com pequenos passos ritmados, tentando acompanhar as passadas do jovem, com o qual contrastava na pequena estatura e na pança anafada.

Enquanto os observava, Marie-Odile estudava com admiração o CV de Malo.

– Já viste por onde ele andou? Harvard, Universidade de Columbia e, para terminar, Silicon Valley! Nem sequer trinta anos tem!



Matthieu acrescentou:

– Investiguei-o no Google. A imprensa financeira é unânime: um olho excepcional para a estratégia! Fez fortuna ao vender na Bolsa a sua empresa no setor das novas tecnologias. Desde então, leva todas as organizações que o têm como consultor ao topo. Vai custar-nos uma fortuna!

– Ah, afinal de contas ainda não perdeste o teu instinto de diretor financeiro!

Matthieu aproximou-se por detrás de Marie-Odile para estudar mais atentamente o currículo do recém-chegado e pousou o indicador nos passatempos:

– Gastronomia e vela! Se ele desse para os dois lados, não resistiria muito tempo àquela carinha de anjo.

Zoé entrou no gabinete.

– O que é que vocês os dois estão para aí a cochichar? – perguntou ao ver Matthieu menear-se diante da fotografia de Malo.

– Isto são horas de se chegar? – repreendeu-a suavemente Marie-Odile.

A jovem advogada estagiária brandiu o visto:

– Prolongado por mais oito meses, graças a ti, Mao! O dossiê estava perfeito. Consegui num piscar de olhos. Bom, ainda assim, duas horas de espera para um carimbo!

Enquanto o trio comentava a sua chegada, Malo descobria os cantos à casa e as dificuldades de relacionamento entre Bertrand e a equipa. Sempre que o diretor-geral entrava num *open space*, os sorrisos apagavam-se, os olhos baixavam, o ambiente ficava tenso. Era evidente que os funcionários já não confiavam em Bertrand. E a reunião matinal de equipa havia evidenciado o problema: sob o efeito do álcool, o diretor começara por insultar os funcionários e depois afundara-se, embriagado, no cadeirão, deixando que Malo enfrentasse sozinho os olhares desesperados.

– Vim dar uma mão ao vosso diretor – tivera ele de improvisar.  
– Todos sabem que a K-Invest acabou de comprar a vossa empresa e tem grandes projetos para vocês.

De facto, havia três anos que Malo liderava missões para diversos fundos de investimento. O último, a K-Invest, pedira-lhe que acompanhasse a reforma da estratégia da XSoftware, uma pequena empresa de *software* recém-comprada.

Um funcionário interrompera-o de imediato:

– Não esteja com rodeios, há vários meses que isto é o caos! Já viu o estado em que ele está? – acrescentou, apontando para Bertrand.

Malo tentara reformular:

– O meu papel será precisamente o de encontrar, juntamente com o vosso presidente e diretor-geral, o melhor caminho a seguir.

Embora fosse um excelente analista financeiro, Malo nunca tivera grande facilidade para as interações sociais. Educado com rigor e submetido a muitos testes, o seu cérebro tendia a cristalizar-se no raciocínio, na razão e na estratégia.

– Vamos lá. Todos de volta ao trabalho – intimara num tom um pouco abrupto, enquanto se dirigia para a porta, arrastando Bertrand por um braço.

– Isso é muito bonito de se dizer – lançara um segundo engenheiro.

– Deixámos Paris por uma aventura supostamente excitante e valorizadora e eis que estamos a nadar na maionese há meses!

– Queres antes dizer a nadar em *cocktails* – murmurara outro colega.

– Para nem falar no planeamento, nos insultos, no stresse, na pressão, nas ameaças. Não há qualquer orientação, apesar de a Marie-Odile e o Matthieu darem o máximo por nós. Como é que se pode fazer investigação nestas condições?

– A minha função é identificar todos esses problemas – insistira Malo, para dar por finda a conversa.

– Não é preciso um auditor para ver tudo isto. Eu próprio faço a auditoria. Aquilo de que precisamos é de um presidente e diretor-geral!

Dizendo isto, o responsável pela investigação levantara-se e conduziu os restantes até à porta.

Depois daquela reunião a situação em nada melhorara; Malo rapidamente se apercebera de que a sua missão, inicialmente pensada para umas semanas, corria o risco de se prolongar *ad eternum*. Com efeito, os meses haviam passado, confirmando o ambiente tóxico na empresa. Os vapores alcoólicos que Bertrand libertava logo às primeiras horas da manhã diziam muito da sua gestão errática, que parecia assentar tão-só na quantidade de uísque que absorvia diariamente. Regra geral, Malo encontrava-o afundado no seu cadeirão de pele, ressonando ao sol que entrava pela janela envidraçada, uma mão caída em torno de uma garrafa vazia. O diretor-geral parecia bem mais preocupado com a qualidade do malte do que com os relatórios e as propostas de arbitragem do jovem consultor.

Para Malo, a situação estava a tornar-se insuportável, tanto mais que nunca se sentira verdadeiramente atraído pela Ásia, tendo a saída de Nova Iorque sido terrível. Sentia saudades do seu confortável *loft* em Manhattan e as lancinantes enxaquecas que o assolavam nos últimos tempos só serviam para acentuar o mal-estar. Queria voltar quanto antes para casa, onde o esperavam missões bem mais entusiasmantes.

Eis a razão por que, uma vez feito o enésimo ponto de situação, tomara uma decisão: iria telefonar para a K-Invest e expor o problema com toda a franqueza. Estava na hora de internar Bertrand para uma desintoxicação e contratar um verdadeiro diretor-geral, capaz de melhor estimular e avivar a criatividade dos jovens engenheiros.

Na realidade, não havia muito mais a dizer: um mero telefonema aos investidores e estaria de volta à sua verdadeira vida, que o estimulava, onde encontrara força para se erguer bem alto e tornar-se um respeitado homem de negócios.

Precisamente quando se preparava para a chamada telefónica libertadora, sentiu o telemóvel vibrar-lhe no bolso do casaco. Uma chamada não atendida de Marc, seu antigo pediatra, que tivera a surpresa de encontrar em Banguécoque aquando da consulta de expatriado. Era em casa de Marc que em criança acabava os trabalhos quando estava sozinho, ou seja, quase todos os dias depois da morte da mãe. A mensagem no atendedor deixara-o transido de medo:

«Já nos conhecemos há muito tempo, pelo que não me vou pôr com paninhos quentes: a TAC detetou um problema grave no cérebro. Espero que passes o mais depressa possível no hospital. Vou estar lá toda a manhã.»

Malo compreendeu de imediato que as enxaquecas não eram inofensivas. Contudo, foi no hospital, duas horas depois, que teve consciência do que o esperava.

Enquanto aguardava do lado de fora do gabinete do doutor Marc Dormeuil, ouviu a seguinte conversa na sala de convívio:

– Pareces preocupado, Marc. Está tudo bem?

– Estou de rastos!

Malo reconheceu imediatamente a voz do médico, apesar do ruído da máquina de café.

– Tem que ver com o caso Sandler? – perguntara um colega.

Era disso que se tratava.

– Sim. Deixei-lhe uma mensagem há pouco, mas não sei como lhe dizer.

– Falámos disso ainda há pouco na reunião. Não há nada a fazer. Trata-se de uma forma rara de degeneração cerebral.

– Eu sei. É o que me deixa fora de mim. Ficar um vegetal com aquela idade!

– Queres que seja eu a tratar do assunto?

– Não. Cabe-me a mim fazê-lo. Nunca me habituarei a estas situações. Chego a detestar esta profissão.

Um silêncio pesado enchera o espaço. Protegido pelas paredes, Malo girara sobre os calcanhares e dirigira-se para a porta.

Deambulara umas horas sem rumo pelas ruas e depois fechara-se no seu gabinete o resto da tarde. Esmagado pela dor, a vida passara-lhe diante dos olhos turvos e inchados de tristeza. A morte accidental da mãe, a covardia do pai, que se anesthesiara com o álcool e mergulhara no trabalho, antes de o deixar ao cuidado dos avós, o Capitão e Madou, de quem sentia mais saudades do que ousava admitir, e... Justine. Que seria feito dela? Tivera vontade de lhe telefonar, mas desistira. De que serviria?

Dirigira-se mecanicamente para o gabinete de Bertrand em busca de uísque, que engoliu de um trago, sentado na poltrona de pele do diretor. Pouco a pouco, o líquido queimara-lhe a garganta, sem lhe conseguir acalmar a violência das emoções.

Ligeiramente tocado, remexera maquinalmente nas gavetas da secretária. Fora aí que encontrara o revólver.

Inspirou fundo, ajustou a pistola à têtora, fechou os olhos e contou em silêncio:

Um, dois...